

MARISTELA SALVATORI



Imagens em trânsito

RESUMO

Este texto apresenta parcialmente aspectos do desenvolvimento do projeto Imagens em trânsito, realizado na Universidade Laval, no Canadá. A pesquisa visou a criação de uma série de paisagens urbanas através da utilização de recursos variados como a gravura, a monotipia, a fotografia e a impressão digital, e focou possibilidades de expressão do múltiplo na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cruzamentos. Gravura. Tecnologia.

IMAGENS EM TRÂNSITO

A pesquisa visual *Imagens em trânsito: uma poética mestiça*¹ propôs a elaboração de paisagens urbanas através da sobreposição e justaposição de procedimentos técnicos tradicionais tais quais a gravura, a monotipia e tecnologias digitais, e a reflexão sobre a representação e o múltiplo na contemporaneidade. Berço de numerosos artistas, o Canadá, e mais precisamente o Québec, com excelente infraestrutura universitária, abundância de museus, de galerias de arte e de espaços culturais, foi o local elegido para seu desenvolvimento. A farta produção gráfica e a possibilidade de contato direto com importantes acervos foi substancial nesta escolha.

Em Québec trabalhei na École des Arts Visuels (EAV), da Universidade Laval, onde encontrei instalações e condições ainda melhores do que as esperadas,² fui recebida pelo professor colaborador Bernard Paquet³ e tive imediatamente acesso irrestrito a seus ateliês e laboratórios.

Aproveitando as possibilidades locais, dei seguimento às pesquisas visuais com foco em vazios, grandes planos, repetições e fragmentações. Trabalhei com um grande número de fotografias feitas *in loco*, assim como registros realizados anteriormente, constituindo um acervo de “paisagens em trânsito” que serviram para dar partida às séries realizadas. Foi possível explorar a imagem fotográfica no processo de trabalho,⁴ realizando impressões digitais no Laboratório Integrado de Edição e de Impressão Digital (LITIN)⁵ da EAV, tanto para impressões finais, quanto para impressões das transparências utilizadas na confecção de matrizes para fotogravura.

O fato de contar com apoio de pessoal altamente qualificado representou grande diferencial. Tendo anteriormente já experimentado alguns procedimentos de transferência da imagem fotográfica para a chapa de metal, neste contexto foi possível utilizar plenamente o potencial destas imagens na confecção de uma série de fotogravuras através do emprego de polímeros (procedimento, por vezes, também chamado de “gravura não tóxica”).

Elos de cooperação

O plano de estágio foi executado considerando a infraestrutura da Universidade e seus recursos humanos. Desta forma, foi viável, além da impressão de gravuras e

¹ O projeto *Imagens em trânsito: uma poética mestiça* foi desenvolvido com Bolsa Estágio Sênior CAPES junto à École des Arts Visuels da Universidade Laval, em Québec, de junho de 2011 a maio de 2012.

² A escola de artes visuais, situada em espaço pródigo que ocupa quase um quarteirão inteiro no bairro Saint-Rock, tem como centro o edifício La Fabrique, de belíssima arquitetura industrial do final do século XIX, onde funcionou originalmente uma fábrica de *soutiens*. Nas primeiras semanas fui hospedada no charmoso *loft* da Rue Sainte-Hélène, em imóvel contíguo à faculdade, reservado para artistas professores convidados da Universidade Laval, tempo suficiente para conseguir encontrar uma moradia e, em posse de chave do espaçoso e bem equipado ateliê de gravura em metal, logo dei início à parte prática da pesquisa.

³ *Professeur titulaire* nesta instituição, com quem eu já havia compartilhado atividades de pesquisa através das realizações do grupo de pesquisa *Mestiçagens na Arte Contemporânea*, coordenado por Icleia Cattani.

monotípias, a realização de fotogravuras, com o auxílio inestimável de Sébastien Lavoie⁶ e a execução de impressões digitais em grande formato.

Conforme nos aponta Becker, existe um elo cooperativo quando o artista depende de terceiros para a execução de determinadas atividades; muitas vezes estes grupos especializados desenvolvem interesses que diferem dos interesses dos artistas, “o envolvimento do artista com a sua dependência de elos cooperativos [...] restringe o tipo de arte que ele pode produzir” (Becker, 1977, p. 209-210). Ao recorrer a pessoal de apoio, como impressores e auxiliares no processamento técnico, há necessidade de acomodação aos recursos disponíveis. Segundo Becker, “ao artista cabe aceitar as restrições ou gastar tempo e energia para alcançar novas possibilidades” (idem, p. 211). No momento em que este apoio é realizado por profissionais altamente qualificados e com prática artística pessoal – colegas –, estes limites são minimizados, podendo inclusive contribuir de forma bastante positiva ao desenvolvimento dos projetos, como ocorrido. Minhas propostas foram consideradas e tratadas como desafios que estimularam a pesquisa e permitiram avançar nas soluções técnicas, representando importante aprendizagem para ambas as partes.

Processos de trabalho

Trabalhando já de longa data com a representação e a paisagem, o foco de minha poética, primeiramente em amplos espaços, foi se deslocando para a representação de paisagens urbanas. Utilizando constantemente processos de gravura e de recursos da fotografia, inicialmente a imagem fotográfica era usada apenas como referência, ponto de partida. Interessavam-me os ângulos, planos e contrastes que rapidamente podiam ser “captados” pelo registro fotográfico. Mais recentemente, incorporei a fotografia ao trabalho propriamente dito, utilizando imagens tratadas e impressas em tecnologia digital sobrepostas e/ou justapostas às imagens geradas por recursos como os da monotipia sobre metal e da gravura em metal, construindo espécies de cenários fragmentados. Em algumas séries desta pesquisa, as imagens foram tratadas digitalmente e transferidas com recursos fotomecânicos para o papel, seja na impressão digital, seja através da confecção de fotogravuras.

A bela arquitetura de Québec somou-se a meu imaginário pessoal, já habitado por construções industriais e imagens das cidades portuárias onde vivi, como em painéis em monotipia (ver figura 1). Busquei planos e volumes urbanos que me sugeriam jogos de fragmentações e rebatimentos, sensações de silêncio e melancolia que me cativam.

Em algumas das imagens realizadas a justaposição de imagens fotográficas das mais diversas procedências foi ainda contraposta a impressões de fotogravuras (ver figura 2). Às diferenças de angulações que introduzem uma quebra de ritmo,

4

A imagem fotográfica sempre esteve presente em meu trabalho, mas, por muitos anos, apenas como imagem de referência, não ocorrendo apropriações fotomecânicas destas imagens.

5

Laboratoire intégré de tirage et d'impression numérique (LITIN), sob responsabilidade do técnico de nível superior Alain Fournier (*technicien en travaux d'enseignement et de recherche*).

6

Chargé d'enseignement na École des Arts Visuels da Universidade Laval.

somam-se técnicas diferenciadas, que incluem impressões digitais e procedimentos tradicionais de gravura.

Estes universos urbanos aqui apresentados (representados), criados por gravura, monotipia, fotografia, tratamento digital e impressão a jato de tinta, resultam em algo ambíguo, constituem imagens mestiças.

Ao utilizar tecnologias digitais para estudos e concepção das imagens, ou ainda incorporando à imagem as fontes que antes serviam apenas como referência, estas paisagens se transformam. O que antes era apenas meio torna-se agente ativo e deixa seus traços. Conforme aponta Edmond Couchot, o criador “controla e manipula as técnicas, mas, por outro lado é, também, modelado por elas, através delas vive uma experiência que transforma sua percepção de mundo” (Couchot, 1998, p. 8).⁷

7

“L'image est une activité qui met en jeu des techniques et un sujet (ouvrier, artisan, ou artiste, selon les cultures) opérant avec ces techniques mais possesseur d'un savoir-faire qui porte toujours la trace, volontaire ou non, d'une certaine singularité. En tant qu'opérateur, ce sujet contrôle et manipule des techniques mais il est aussi, en retour, façonné, modelé à son insu par ces techniques à travers lesquelles il vit une expérience intime qui transforme la perception qu'il a du monde: l'expérience technesthésique. Les techniques, rappelons-le, ne sont pas seulement des modes de production, elles sont aussi des modes de perception, des formes de représentation élémentaires, fragmentaires et éclatées du monde, qui n'empruntent pas la voie des symboles.” (COUCHOT, 1998, p. 8)

8

Realizada na Université Paris I Panthéon-Sorbonne.

9

Como artista residente fui alojada no anexo Montmartre. A Cité Internationale des Arts acolhe artistas do mundo inteiro, selecionados por edital, para períodos de residência, na época, de até um ano, renovável por mais um ano.

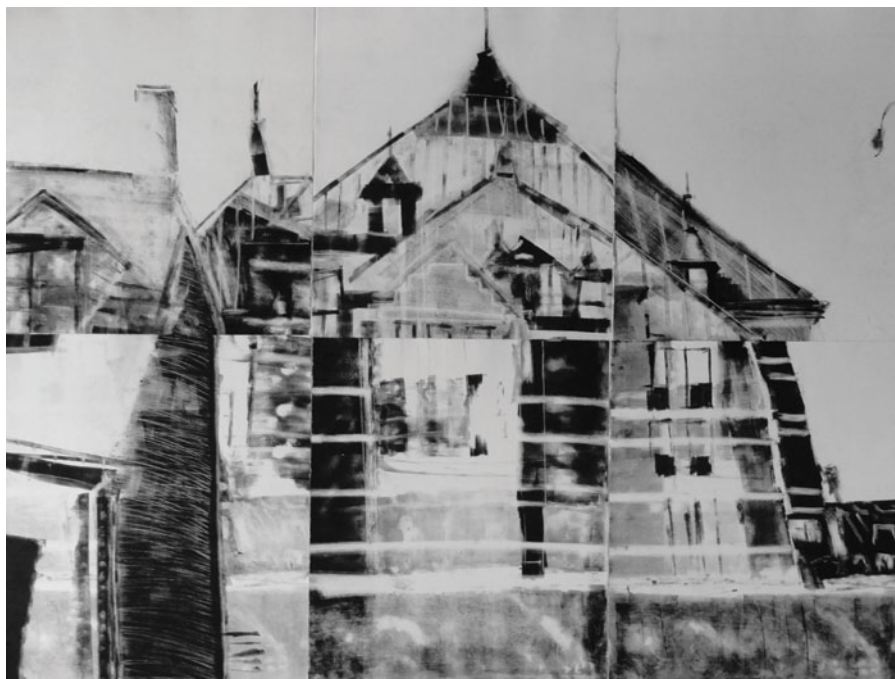


Figura 1. Maristela Salvatori, sem título (série *Québec*), 2012, monotipia, 121 x 157 cm (político).

Deslocamentos

Tendo vivido anteriormente quatro anos em Paris, por ocasião da realização de tese de doutorado,⁸ residi dois anos em ateliê-alojamento da Cité Internationale des Arts.⁹ Esta excelente oportunidade facilitou a realização de outras residências de

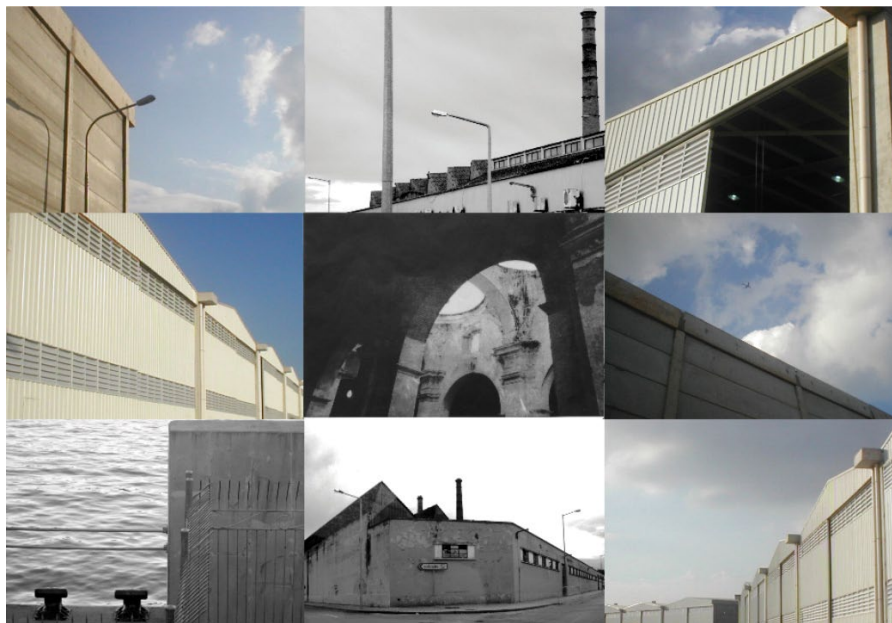


Figura 2. Maristela Salvatori, sem título (Porto Seco), 2012, fotografias digitais em impressão jato de tinta e fotogravura em polímero (com china *collé*), 110 x 150 cm.

artista, sobretudo na vizinha Bélgica.¹⁰ Nestes ricos encontros com artistas das mais diversas procedências tive contato com vários canadenses do Québec e conheci um pouco mais das artes gráficas desta região e, especialmente, o importante trabalho do Engramme,¹¹ o que naturalmente me conduziu a buscar esta cidade para a realização de estágio pós-doutoral.

Logo na chegada à Québec, coincidente com o término do ano escolar, pude assistir o estímulo dado aos jovens recém-formados pela École des Arts Visuels, da Universidade Laval, especialmente através da concessão de inúmeros prêmios. Foi notável encontrar a EAV integralmente transformada em espaço expositivo e muito motivador observar a importância dada pela comunidade a esta produção. Observava-se com clareza a formação universitária como instância legitimadora de jovens artistas, constituindo-se a própria instituição em uma alavanca para a vida profissional. Induzimos aí a confirmação da maior rapidez de reconhecimento artístico dos profissionais oriundos das instituições de ensino mais fortes, conforme já apontado por Bourdieu (1982, p. 126-8), ao comentar sobre as instituições universitárias como tendo grande peso de consagração.

Presenciei à cerimônia de entrega dos fartos prêmios, que incluíam residências artísticas, materiais de trabalho, bem como exposições, estímulos que eram proporcionados por fontes diversas, a começar pela própria instituição, seguida de

10

Ao longo do período vivido em Paris fui recebida anualmente como artista residente no Frans Masereel Centrum, um centro de produção gráfica contemporânea, em Kasterlee, Antuérpia, Bélgica.

11

O Centro de Gravura Engramme estimula e oportuniza a criação artística na área da gravura, disponibilizando ateliês para a prática da gravura para artistas associados e convidados, e incentivando o potencial artístico gerado pela manipulação de novas ferramentas e diferentes abordagens nos campos da gravura de arte.

galerias comerciais de arte e centros culturais – sinalizando claramente o interesse e foco destas instituições nesta produção emergente; alguns eram mesmo oferecidos por empresas de ex-alunos.

Ainda no início do estágio tive oportunidade de fazer uma primeira visita ao Centre de Conservation de la Bibliothèque et Archives Nationales du Québec, em Montréal, acompanhando Nicole Malenfant¹² e seus estudantes. É admirável a infraestrutura de conservação e de disponibilização ao público das coleções deste centro, e não menos surpreendente a qualidade e abundância das obras destas coleções, dentre as quais destaco as de gravuras e de livros de artista.¹³ A possibilidade de contato com pesquisadores desse porte, bem como de contato direto com esses acervos extraordinários e ainda a proximidade cotidiana com importantes produções contemporâneas foi substancial para o enriquecimento desta experiência.

Ao longo do ano letivo segui o desenvolvimento do plano de trabalho convivendo com estudantes da Escola, o que permitiu uma visão privilegiada deste ambiente bastante favorável à criação, com profusão de espaços agradáveis e convenientes para pesquisa, ateliês e laboratórios bem equipados, tanto para a graduação quanto para a pós-graduação, e perspectiva de utilização de ateliês de forma autônoma e em tempo integral.¹⁴ Um contexto bastante diferente do vivenciado por ocasião da realização de minha tese de doutorado, quando observei, na universidade francesa que frequentei, uma inclinação mais restrita ao pensar arte, sendo sua prática, quando existente, realizada a duras penas fora do ambiente acadêmico. No jovem país respira-se uma benéfica flexibilidade, favorecida pelos recursos financeiros e sem o peso de tradições.

O convívio com o panorama local foi extremamente estimulante. Apesar da pequena densidade demográfica do Québec, essa região apresenta importantes produções contemporâneas e, sobretudo, a já mencionada valorização desta produção. Cabe citar que o Museu Nacional de Belas Artes de Québec, hoje instalado em três amplos pavilhões em pleno coração do Parque dos Campos de Batalha (também conhecido como Plaines d'Abraham), tem nova sede sendo construída e, nos próximos anos, deverá ser consideravelmente ampliado, de forma a apresentar ainda melhor o acervo de arte do Québec.

Cruzamentos

Tive oportunidade de observar com maior frequência, seja pela proximidade ou pela projeção das obras, trabalhos de alguns artistas como Isabelle Hayeur, Roadsworth, Denise Pelletier, Lise Vézina, Annabelle Frenette, Jocelyne Alloucherie, Bernard Paquet e Jeanne de Chantal Côté, para pontuar alguns poucos.

Observando mudanças na natureza, em imagens como as de suas últimas séries, *Underworlds*, a jovem fotógrafa de Montréal, Isabelle Hayeur, apresenta um

¹² Professeure agrégée na École des Arts Visuels da Universidade Laval, com vários livros de referência na área.

¹³ Consulta local, aconselhada a reservação de horário. A coleção de gravuras conta com mais de 25.000 obras a partir do século XIX, e a coleção de livros de artista com mais de 1.300 livros, entre outros itens que compõem a coleção.

¹⁴ Desde o ingresso na Universidade o aluno é estimulado a permanecer nos espaços de criação de forma autônoma e com liberdade de horário, à medida que sua evolução vai conquistando espaços maiores. Os alunos do mestrado, por exemplo, contam à sua disposição com os ateliês do *Roulement à billes*, situado na Rue Sainte-Hélène, no quarteirão contíguo à faculdade, com espaços generosos, de utilização independente e que frequentemente abre suas portas para mostrar a produção destes estudantes.

impressionante universo de camadas subterrâneas – construído através da justaposição de numerosas tomadas fotográficas. O olho percorre imagens aparentemente lógicas, documentais, mas não menos estranhas e instigantes em suspeitadas manipulações e excessos de detalhes. De mesma forma, Annabelle Frenette, jovem fotógrafa de Québec, interessa-se pelos câmbios da natureza, transformação e representação da realidade e, por vezes, introduz elementos alheios ao ambiente fotografado.

Com rara maestria no trato com sombras, a artista Jocelyne Alloucherie, em *Lames* e *Poussières*, fotografa paisagens oníricas, criadas por sopro na areia, tão impressionantes quanto as gélidas e imponentes paisagens do grande norte da série *Sirènes*.

Ligadas ao centro de produção Engramme, as artistas Denise Pelletier e Lise Vézina trabalham com a memória. Justapondo uma série de possibilidades técnicas, Denise Pelletier coleta pensamentos, frases, que deslocados de seu contexto motivam seu percurso poético, criam texturas gráficas, sensíveis imagens visuais que, amalgamadas ao texto, convidam à deriva (figura 3). Lise Vézina, em recente exposição, coletou numerosas caixas de música que, associadas à fotogravuras e matrizes de metal, com imagens de rostos femininos e tramas – rendas – constituíram uma espécie de delicado santuário.



Figura 3. Denise Pelletier, livro de artista, 2012.

Jeanne de Chantal Côté,¹⁵ também ligada à Engramme, em viagem ao Brasil, realizou *frottages* de tábuas da antiga Vila da Barca em Belém, que, digitalizadas e impressas em jato de tinta, serviram de base para a projeção de imagens da favela, na instalação Vila da Barca I, que busca homenagear e valorizar o sentimento de pertencimento de seus antigos moradores.

Já Bernard Paquet¹⁶ tangencia as possibilidades do múltiplo através da repetição exaustiva dos mesmos motivos. A partir de uma numerosa série de pinturas, em desenvolvimento, centrada em retratos inicialmente pintados, o artista tem digitalizado estas imagens, impresso em jato de tinta e realizado intervenções pictóricas sobre as impressões. Estas novas imagens, novamente digitalizadas e impressas, podem ser outra vez interferidas pictórica ou mesmo digitalmente. Tais ciclos potencialmente infinitos transformam incessantemente esse múltiplo-único, esse único-múltiplo.

Finalmente, cito o artista de rua Roadsworth (Peter Gibson), radicado em Montreal, e que utiliza técnicas de estêncil para realizar interferências urbanas. Tendo iniciado seu trabalho de maneira informal, sem permissão da municipalidade e com objetivos pontuais, passou a se dedicar febrilmente à atividade. Ao final de muitas dezenas de “pichações” foi condenado pela justiça. Roadsworth suscitou uma enorme mobilização, tendo em vista a empatia de artistas e cidadãos sensibilizados por seus irreverentes e inspirados desenhos. Obteve projeção, perdeu-se o espírito primeiro de seu trabalho, mas o artista se estabeleceu e suas obras ampliaram seu raio de inserção, sendo ainda vistas nas ruas de Montreal e mesmo em centros comerciais desta cidade.

Tendo centrado a pesquisa nas questões do múltiplo na contemporaneidade, pincei aqui alguns aspectos desta experiência de deslocamento e criação, bem como alguns poucos exemplos de realizações de artistas, dentre a rica e abundante produção artística canadense contemporânea.

15

Chargée d'enseignement na École des arts visuels da Universidade Laval.

16

Professeur titulaire na École des Arts Visuels da Universidade Laval e professor colaborador nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANNABELLE [Frenette]: photographer. Disponível em: <<http://www.annabellephotographe.com>>. Acesso em: 10 abr. 2012.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BECKER, Howard S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- COUCHOT Edmond. *La technologie dans l'art*. Paris: Jacqueline Chambon, 1998.
- GENETTE, Gérard. *A obra de arte*: imanência e transcendência. São Paulo: Littera Mundi, 2001.
- ISABELLE Hayeur. Disponível em: <<http://www.isabelle-hayeur.com>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

JOCELYNE Alloucherie. Disponível em: <<http://www.jocelynealloucherie.com>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

LACHANCE, Marie (2005). *De coexistences et d'intériorité, l'idiolecte de Denise Pelletier*. Disponível em: <http://www.engramme.ca/documents/encarts/encart_2_pelletier.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2012.

ROADSWORTH [Peter Gibson]. Disponível em: <<http://www.roadsworth.com>>. Acesso em: 5 abr. 2012.



MARISTELA SALVATORI

Pós-doutorado (Estágio Sênior, CAPES) na Universidade Laval, Canadá. Doutora por Paris I. Residência artística de dois anos na Cité Internationale des Arts, Paris; residências artísticas no Centro Frans Masereel, Kasterlee, Bélgica; exposições e prêmios no Brasil e exterior. Professora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do IA/UFRGS. Membro do Conselho Editorial da Revista Estúdio, Universidade de Lisboa. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP. Líder do grupo de pesquisa Expressões do Múltiplo (UFRGS-CNPq).

